

## EM QUE TIPO DE MUNDO QUEREMOS VIVER?

Essa é a questão com a qual todos nós nos confrontamos hoje.

Nosso mundo está em perigo. A incerteza e o desassossego nos deixaram paralisados e inertes. Mesmo assim, ainda existe uma solução poderosa ao nosso alcance: o impacto.

Visualize um mundo onde a desigualdade está diminuindo. Onde os recursos naturais são regenerados e as pessoas podem liberar todo seu potencial e tirar proveito de uma prosperidade compartilhada. Um mundo focado não apenas em minimizar danos, mas em fazer o bem de forma mensurável. Este é o propósito da Revolução do Impacto.

Cada um de nós tem um papel a desempenhar.

## QUAL É O SEU?

Junte-se à revolução:  
onimpactonow.org |  
#ImpactRevolutionn



SOBRE IMPACTO Um guia para a Revolução do Impacto

SIR RONALD COHEN

# SOBRE IMPACTO

— UM GUIA PARA A —  
**REVOLUÇÃO  
DO IMPACTO**

SIR RONALD COHEN

# **SOBRE IMPACTO**

— UM GUIA PARA A —  
**REVOLUÇÃO  
DO IMPACTO**

Copyright ©2018 por Sir Ronald Cohen  
Todos os direitos reservados

ISBN 978-1-912993-04-8

**SIR RONALD COHEN**

## NOSSAS OITO CRENÇAS

1. Impacto é a medida do benefício de uma ação para a sociedade e para o planeta – devemos colocá-lo no centro de nossa consciência. 7
2. Ao tomar decisões de negócios e investimentos, devemos adotar um novo paradigma de risco-retorno-impacto. 15
3. É possível fazer bem e fazer o bem ao mesmo tempo. 27
4. O impacto pode ser medido e comparado. 33
5. Devemos nos unir para adotar modelos de impacto de pagamento por resultado. 43
6. Devemos mudar para medir os resultados, não as atividades. 55
7. Empreendedores de impacto são poderosos aliados e devemos apoiar seus esforços globalmente. 65
8. Devemos agir agora. Nunca houve maior necessidade ou melhor momento. 77

**IMPACTO É A MEDIDA DO  
BENEFÍCIO DE UMA AÇÃO PARA A  
SOCIEDADE E PARA O PLANETA –  
DEVEMOS COLOCÁ-LO NO CENTRO  
DE NOSSA CONSCIÊNCIA.**

Em que tipo de mundo queremos viver?

Essa é a questão com a qual todos nós nos confrontamos hoje – consumidores, empregados, pensionistas, filantropos, investidores, empreendedores, organizações sociais e líderes de grandes empresas.

A primeira onda da revolução tecnológica já terminou, nossas vidas foram transformadas e ainda assim, as nações continuam a ser afetadas x arruinadas pela desigualdade econômica, conflitos sociais e catástrofes ambientais.

Está na hora de enxergarmos o óbvio: as coisas não podem continuar como estão.

Sem apoio, os governos não possuem meios para lidar com os desafios sociais e ambientais que enfrentamos. Também não possuem condições de desenvolver abordagens inovadoras para enfrentar tais desafios – processo que envolve, inevitavelmente, investimentos de risco, tentativa e erro e a certeza de ocasionais derrotas.

Apesar de útil, a filantropia não oferece uma solução escalável. Sua ajuda aos governos é limitada, já que as doações são pequenas em relação aos gastos governamentais – não alcançando 5% dos gastos do governo apenas com saúde e educação.

Ao contrário, precisamos aprender com a revolução tecnológica, cujos frutos nasceram do

capital privado. É urgente que acessemos mercados financeiros para tirarmos novamente proveito do empreendedorismo e da inovação, partindo dessa vez em direção a mudanças sociais.

Há inúmeros desafios com os quais devemos e podemos lidar: fome, analfabetismo, saúde precária, falta de acesso a água potável e energia elétrica, desigualdade de gênero, desemprego juvenil, falta de moradia, migração e destruição do meio ambiente, dentre outros.

Torna-se imperativo alinhar as mentes de investidores, filantropos, empreendedores, organizações sociais, grandes negócios, governos e a população em geral para erradicarmos esses problemas persistentes. Está na hora de nos unirmos ao redor de uma nova palavra de ordem para este início de século: *impacto*.

Os sinais da mudança podem ser sentidos entre as nações ao redor do mundo. Novas tecnologias e ferramentas estão sendo utilizadas para reequilibrar as escalas e para melhorar vidas e o planeta. Todos podemos ver que não é mais possível vivermos em um mundo no qual negócios sem supervisão trazem consequências negativas que os governos, sem sucesso, tentam remediar a um enorme custo.

O capitalismo nos serviu por mais de 250 anos, mas tornou-se insustentável em sua forma atual. É necessária uma mudança radical.

A revolução tecnológica está sendo seguida pela revolução do impacto, que nasce da simples ideia de que podemos romper com o foco único do capitalismo no lucro para gerar lucro e impacto social simultaneamente, redirecionando grandes quantias de dinheiro

para melhorar o mundo.

Ao combinar lucro e impacto, transformamos fundamentalmente a natureza do nosso sistema, de forma que não seja mais aceitável dizer “Meu negócio é apenas ganhar dinheiro”.

Nossa mentalidade coletiva já começou a se transformar em favor do impacto.

Investidores e empresas estão se tornando mais conscientes tanto do ponto de vista social quanto do ambiental.

Empreendedores de impacto estão começando a ter acesso ao capital necessário para trazer à tona ideias brilhantes e transformadoras.

Governos em crise fiscal começam a descobrir o valor de aproveitar as inovações do setor privado, canalizando seus talentos e capital na

busca de melhores soluções para os desafios da sociedade.

Filantropos estão liderando a apresentação de resultados tangíveis.

Mais do que nunca tem se tornado possível para todos – pobres ou ricos, jovens ou velhos – não apenas habitar esse frágil planeta, mas atuar como seus protetores.

O grande economista Adam Smith tinha mais orgulho de seu primeiro trabalho, *A Teoria dos Sentimentos Morais* – que trata de pessoas que agem por altruísmo – do que de *A Riqueza das Nações* – renomada por sua teoria da “mão invisível do mercado”.

Se o autor tivesse pensado em medir impacto, ele poderia ter combinado os dois livros e posicionado impacto como o *coração* invisível

que guia as mãos invisíveis do mercado.

Nossos atuais sistemas de criação de impacto social positivo têm mais de duzentos anos. A escala dos nossos problemas mudou, assim como deve mudar nossa resposta a eles.

O momento atual exige nada menos que uma revolução e é preciso colocar o impacto no centro da nossa consciência.

Em vez de confiarmos exclusivamente nos governos e na filantropia para alcançarmos mudanças sociais, precisamos inaugurar uma terceira força para acelerar o ritmo da mudança: o setor privado.

Quando ignoramos os danos que causamos através do setor privado, gastamos recursos preciosos arrumando nossa própria bagunça. Entretanto, quando aproveitamos nossos

poderes para o bem, podemos acelerar o progresso social, ampliar o impacto do setor público e prevenir problemas similares no futuro.

Visualize um mundo onde a desigualdade está diminuindo. Onde os recursos naturais são regenerados e as pessoas podem liberar todo seu potencial e tirar proveito de uma prosperidade compartilhada. Um mundo focado não apenas em minimizar danos, mas em fazer o bem de forma mensurável.

Este é o propósito da Revolução do Impacto. Cada um de nós tem um papel a desempenhar. Qual é o seu?

## **DIANTE DE DECISÕES DE NEGÓCIOS E INVESTIMENTOS, DEVEMOS ADOTAR UM NOVO PARADIGMA DE RISCO-RETORNO-IMPACTO.**

Todos nós já testemunhamos novas empresas de tecnologia superarem gigantes que foram, por décadas, líderes de mercado. A Apple, hoje a empresa mais valiosa do mundo, ultrapassou a IBM. Empresas que começaram como startups – Microsoft, Amazon, Google, Facebook e Oracle, por exemplo – em menos de trinta anos passaram a figurar entre as trinta empresas mais valiosas do mundo.

Porém, mesmo em meio à revolução tecnológica, que transformou nossas economias, o abismo entre ricos e pobres tem se ampliado drasticamente e continua a aumentar. Apesar



do crescimento do Estado de bem-estar social, das redes de segurança social e da filantropia, a pobreza continua a imperar e a oportunidade econômica falhou na sua expansão significativa para muitos.

Ao mesmo tempo, como o ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore evidenciou, questões ambientais urgentes advindas do aquecimento global, do desmatamento e da poluição de nossos oceanos nos desafiam massivamente.

Enquanto filantropos e governos lutam para trazer melhorias para a vida daqueles que são deixados para trás pelas generosas mãos da prosperidade, torna-se claro que, para obtermos sucesso, é preciso nada menos que uma revolução.

Pela primeira vez na história moderna, pre-

cisamos alinhar os interesses do governo e da filantropia com os dos consumidores, investidores, empresas e organizações sem fins lucrativos com o fim de melhorar vidas.

No século XIX, os investidores se concentravam nos retornos financeiros; no século XX, eles passaram a medir risco e retorno. No século XXI, devemos adotar um novo paradigma de risco-retorno-impacto. É essa tripla hélice do novo DNA de nossa sociedade que nos levará a um mundo melhor.

Apenas para esclarecimento, não é preciso reduzir lucros em favor do impacto. Ao contrário, esse novo modelo nos inspira a maximizar tanto os lucros quanto o impacto para níveis normais de risco, de forma a beneficiar a sociedade como um todo. Como atores na revolução, cada um de nós tem o poder de gerar resultados positivos para nossa socie-

dade e para nosso planeta ao mesmo tempo em que obtemos sucesso.

A Revolução do Impacto já começa a ser disruptiva para os nossos atuais modelos de empreendedorismo, investimento, grandes negócios, filantropia e governo.

Assim como na revolução tecnológica, as inovações estão sendo guiadas por jovens apaixonados, principalmente os empreendedores. Inúmeros indivíduos pelo mundo têm alvejado de formas inovadoras alguns dos mais complicados desafios sociais e ambientais.

Uma vez que o acesso ao capital possibilita um forte impulso, os investidores são cruciais para acelerar os avanços da Revolução do Impacto. Eles influenciam a eficácia de cada ator no processo.

A mentalidade dos investidores e negócios já começou a se mover em direção a um novo paradigma de risco-retorno-impacto. Uma evidência clara disso pode ser encontrada Governos.

Desde que os princípios foram criados em 2006, mais de 2000 instituições de investimentos de 70 países, detentoras de 90 trilhões de dólares em ativos, já assinaram o compromisso com fatores sociais e com o meio-ambiente em suas decisões de investimento.

Empresas familiares e fundações americanas do tipo *living donor* foram as pioneiras a pressionar para que os investimentos gerassem impacto juntamente com rendimentos financeiros.

A Omidyar Network e a rede TONIIC, assim como a Skoll Foundation, a Case Foundation

e a Arnold Foundation são pioneiras no apoio ao investimento de impacto, ajudando a moldar o seu desenvolvimento.

Fundos patrimoniais de prestigiadas *legacy foundations* estão também entre os primeiros apoiadores. Dentre elas encontram-se Ford, Rockefeller e MacArthur nos Estados Unidos; Esmeé Fairbairn no Reino Unido; Porticus, Bertelsmann e Gulbenkian na Europa; e Tata Trusts na Índia.

Embora as *legacy foundations* e *living donor foundations* representem juntas menos de 1% do pool global de investimento, elas exercem uma importante influência, considerando sua motivação social e expertise.

Por isso é tão relevante que a Fundação Ford, cujo histórico em inovação social é tão impressionante, tenha decidido alocar

1 bilhão de dólares de seu fundo patrimonial para o investimento de impacto.

A geração de hoje é uma das razões pelas quais o investimento de impacto está se espalhando tão rapidamente. Para eles, causar impacto social e ambiental positivo é tão importante quanto ganhar dinheiro.

Pesquisas mostram que os jovens são duas vezes mais propensos a investir em empresas que causam impacto positivo na sociedade. Eles querem que seus investimentos, assim como suas carreiras, possam fazer a diferença.

Grandes grupos de investidores estão respondendo a uma mudança parecida nos valores de seus clientes e investidores. O mesmo ocorre com gestores de ativos, fundos de pensão e empresas de seguros. Empresas de gestão e bancos, que cuidam de

85 trilhões de dólares em ativos individuais e de pequenas instituições, representam o maior grupo de investidores que se movem continuamente em direção ao impacto. Dentre eles temos BlackRock, Vanguard, Merrill Lynch, Morgan Stanley, Goldman Sachs e JP Morgan nos EUA; UBS e Credit Suisse na Suíça; Barclays e LGT no Reino Unido; e AXA e Amundi na França.

Fundos de pensão, gerenciando 45 trilhões de dólares, são o segundo maior grupo de investidores no mundo. A pressão dos participantes também está levando a mudanças na abordagem de investimento. Alguns dos maiores fundos de pensão do mundo caminham agora para a integração do impacto.

Dentre eles encontra-se o maior fundo de pensão do mundo, o Fundo de Investimento de Pensões do governo do Japão (GPIF), de

1,5 trilhões de dólares. Também consta da lista o Dutch Health Workers, um dos maiores fundos de pensão da Holanda, no valor de 240 bilhões de euros, gerido pelo fundo PGGM.

Graças à influência de seus participantes, o PGGM alocou 20 bilhões de euros para o impacto, incluindo estratégias direcionadas a melhorias na saúde global.

Esse é um exemplo entre muitos. Contribuintes dos fundos de pensão CalSTRS e CalPERS na Califórnia, que se encontram entre os maiores fundos de pensão do mundo, têm pressionado seus administradores a adotar objetivos sociais e ambientais. No Reino Unido, Canadá e Escandinávia, respectivamente, a o *Brunel Pension Partnership*, o *Canadian Public Employees Pension Funds* e os *AP Funds* da Suécia estão todos se movendo na direção do impacto.

Já a França deu um passo ainda mais adiante e agora tornou obrigatório para cada empregador oferecer fundos do tipo 90/10, os quais alocam 10% de seus ativos para empresas sociais elegíveis, enquanto o saldo é investido em empresas cotadas segundo princípios responsáveis e sustentáveis de investimento. Mais de 10 bilhões de euros, provenientes de mais de um milhão de pessoas, já foram direcionados a fundos desse tipo.

Grandes empresas de seguros também estão se direcionando para impacto. A lista inclui a Prudential, nos EUA, Aviva e Legal & General, no Reino Unido, e a AXA, na França.

Todos esses são sinais de uma mudança na atitude do investidor, que vem direcionando capital a um novo quadro de empresas de investimento especializadas em impacto,

tais como Generation, Bridges, Leapfrog e Avishkaar; e a fundos de impacto lançados por líderes reconhecidos em áreas já consagradas, assim como fundos de capital privado tais como TPG (Rise Fund – 2 bilhões de dólares), Bain Capital (400 milhões de dólares), Partners Group (1,2 bilhão de dólares) e KKR (1 bilhão de dólares).

Essa mudança de atitude fica bastante clara na carta enviada por Larry Fink, do BlackRock, aos líderes de sua carteira de investimento global de bilhões de dólares: “Para que possamos prosperar ao longo do tempo, toda empresa deve apresentar não apenas desempenho financeiro, mas também demonstrar sua contribuição positiva à sociedade.”

► **Como pensionistas, detentores de apólices de seguros e proprietários de carteiras de investimento, vamos exigir que nossos administradores implementem estratégias de impacto confiáveis. Vamos pressionar para alocações de investimentos responsáveis e sustentáveis de 50%+ das carteiras e alocações de investimentos de impacto de 10%+.**

## **É POSSÍVEL FAZER BEM E FAZER O BEM AO MESMO TEMPO.**

Por muito tempo temos trabalhado sob a crença de que ou ajudamos o próximo ou ganhamos dinheiro – fazer o bem ou ter sucesso. Tal crença, entretanto, é fundamentalmente errônea. Essa falsa lógica afeta nossas vidas pessoais, nossas carreiras, negócios e decisões de investimento, influenciando até mesmo líderes de grandes empresas.

O impacto não atrapalha o lucro – *na verdade, o primeiro direciona o último*. Não temos que escolher entre retorno financeiro ou social. O impacto em si é uma alavanca de sucesso e grandes empresas já começaram a se dar conta disso.

Hoje em dia, é raro que os gestores de grandes empresas nas Américas, Europa, Ásia ou África não estejam discutindo ativamente o assunto impacto. Consumidores, acionistas, empregados e a mídia estão todos pressionando grandes empresas a criar impacto positivo.

O comportamento dos consumidores é um grande catalisador de mudança nas práticas empresariais. Segundo um estudo internacional recente, um terço dos 20 mil consumidores entrevistados em cinco países estão optando por comprar marcas que acreditam fazer o bem social e ambiental.

Com um grande número de escolhas nas pontas dos dedos, por que os consumidores de hoje não procurariam por empresas e marcas em sintonia com seus próprios valores? Para os consumidores, principalmente os jovens, os produtos e serviços que adquirem não

são apenas expressões de seus gostos, mas também de seus valores morais.

Alguns líderes proeminentes, como Paul Polman, da Unilever, e Emmanuel Faber, da Danone, já anteciparam o clamor e as demandas dos novos investidores e consumidores. À frente de muitos outros, concluíram que consciência social e ambiental está se tornando rapidamente uma realidade inescapável para as empresas, que, se quiserem continuar competitivas, precisam evoluir.

Pensadores estratégicos, como Michael Porter, da Harvard Business School, e consultorias líderes de mercado, como McKinsey e Boston Consulting Group, já chamaram atenção para essa mudança, mas a maioria dos líderes empresariais ainda não sabe ao certo como guiar seus negócios para gerar mais impacto e mais lucro simultaneamente.

A solução é inserir o *chip* do impacto no centro dos grandes negócios. Em outras palavras, as empresas precisam adotar modelos de negócios que apresentem impacto positivo por meio de seus produtos e serviços, de modo que, quanto mais bem-sucedido for o negócio, mais impacto positivo ele cria.

Uma empresa que inclui impacto em uma visão de longo prazo, na qual o impacto positivo envolve consumidores, empregados, fornecedores e a comunidade em geral, evita riscos de longo prazo e explora novas e lucrativas oportunidades de negócios.

Algumas grandes empresas já estão buscando uma variedade de caminhos para o impacto positivo, mesmo que não estejam ainda incorporando o *chip* do impacto. Por exemplo, muitas empresas responsáveis estão utilizando embalagens de produtos recicladas

e recicláveis.

Elas estão também reconfigurando suas redes de abastecimento, ajustando a maneira como obtêm seus materiais e afetam as vidas, direitos e condições de trabalho de sua toda sua rede de funcionários e fornecedores. E inúmeras empresas estão diminuindo suas emissões de carbono e resíduos plásticos e melhorando seu gerenciamento de água e uso da terra.

Tais empresas estão mostrando que a integração do impacto leva ao aumento na produtividade, economia através da redução de resíduos, maior eficiência na gestão da cadeia de abastecimento, além de fomentar uma cultura que incentiva a inovação, melhora o relacionamento com fornecedores e consumidores, e a captação e retenção de talentos.



Embora esses passos estejam na direção correta, a maneira mais poderosa de incentivar o impacto positivo gerado pelas grandes empresas é por meio da completa integração do impacto, de modo que quanto mais impacto elas gerem por meio de seus produtos e serviços, mais lucro seja alcançado. Isso é o que caracterizará os principais negócios do futuro.

► **Como consumidores, vamos adquirir produtos e serviços que ajudem a melhorar vidas e o planeta.**

► **Como gerentes e funcionários de grandes e pequenas empresas, vamos insistir para que nossos empregadores integrem impacto em seus modelos de negócios.**

## **O IMPACTO PODE SER MEDIDO E COMPARADO**

Medir impacto não é apenas possível, mas essencial. Grandes empresas só integrarão o novo modelo de risco-retorno-impacto amplamente quando os investidores puderem medir e comparar o impacto real com precisão.

Mensurar impacto é um desafio, mas já conseguimos resolver um problema ainda maior: o da mensuração do risco. O conceito de risco não era algo novo quando começou a fazer parte da mentalidade de investimento na metade do século passado. O risco sempre existiu. Nós simplesmente resolvemos criar um sistema para mensurá-lo.

O mesmo ocorre com impacto. Ele sempre existiu e toda empresa cria impacto social e ambiental. É hora de começarmos a medi-lo.

De fato, o risco é substancialmente mais difícil de medir do que o impacto e sua medição ainda é imprecisa. Ainda assim, nos beneficiamos grandemente do pensamento risco-retorno.

A mensuração do impacto é essencial para assegurar a vazão de recursos para os negócios que melhor otimizam impacto e lucro. Se desenvolvermos padrões sólidos de mensuração de impacto, podemos prevenir o risco moral do “impacto disfarçado”, no qual empresas alegam criar impacto positivo, mas, na realidade, alcançam muito pouco.

Por meio de sua ênfase na mensuração do impacto, o investimento de impacto está impulsionando mudanças em todo o espec-

tro do impacto, que vai da filantropia, que gera alto impacto sem lucro, ao investimento responsável, que gera lucro com baixo impacto. Entre eles, no meio do espectro, encontra-se o investimento de impacto, que visa gerar impacto mensurável significativo ao lado do lucro.

A filantropia, situada em um extremo do espectro, existe há muito tempo e é muito bem compreendida.

O investimento responsável, também conhecido como Ambiental, Social e Governança (ESG, na sigla em inglês), e o investimento sustentável, também conhecido como Investimento Socialmente Responsável (ESG, na sigla em inglês), encontram-se no outro extremo do espectro.

De forma mais simples, enquanto o investi-

mento responsável procura evitar danos e o investimento sustentável procura beneficiar a todas as partes de forma geral, o investimento de impacto tem por objetivo promover soluções específicas para os desafios que afetam vidas e o planeta.

Até agora, o investimento sustentável e responsável basearam-se em uma abordagem autodefinida para avaliar o efeito de políticas e práticas. Essa avaliação geral e qualitativa é bastante imprecisa e impossibilita uma comparação exata entre as empresas. Embora bem-intencionado, esse tipo de investimento apenas espera causar impacto social ou ambiental.

O investimento de impacto, ao contrário, é caracterizado por uma mensuração rigorosa e transparente tanto do impacto positivo quanto do negativo – a verdadeira mudança

que as pessoas e o planeta vivenciam. Isso exige resultados tangíveis.

A mensuração quantitativa do impacto tem sido feita em intervenções *pay-for-success*, como as subsidiadas por títulos de impacto social (que serão discutidos mais à frente). Porém, ela ainda não foi aplicada a empresas com grande variedade de atividades.

A despeito da falta de mensuração, grandes grupos de investimento em busca de oportunidades de impacto têm voltado sua atenção para o maior mercado – investimento responsável e sustentável em empresas listadas em Bolsa. Estima-se que o mesmo tenha atingido impressionantes 22 trilhões de dólares atualmente, tendo crescido em mais de um terço desde 2016.

Grandes investidores têm procurado investir

em “títulos verdes”, os quais financiam projetos ecologicamente corretos. Aqui também a mensuração é uma noção bastante vaga. O tamanho do mercado de títulos verdes cresceu para impressionantes 800 bilhões de dólares nos últimos cinco anos, com estimativa de levantamento de 250 bilhões de dólares somente em 2019.

Ao contrário do imenso mercado de investimento responsável e sustentável, o mercado de investimento de impacto atualmente é de 502 bilhões de dólares – dobrando de tamanho de ano em ano desde 2016.

Mesmo menor em tamanho, o investimento de impacto tem influenciado a mentalidade do investidor de maneira significativa, levando-o a entender a importância de mensurar o impacto em todas as categorias de investi-

mento, Sustentáveis e títulos verdes. Também o leva a compreender que somente quando unirmos esforços para mensurar impacto de maneira padronizada é que conseguiremos comparar oportunidades de investimento de maneira concreta.

É por essa razão que é de máxima prioridade estabelecer padrões de mensuração de impacto.

Ao longo dos últimos vinte anos, temos visto a ascensão de inúmeras iniciativas com o intuito de estabelecer fundamentos para definir, mensurar e quantificar o impacto.

Nossos esforços atuais lembram aqueles feitos após a Grande Depressão de 1929 para estabelecer, pela primeira vez, padrões contábeis comuns de modo a permitir comparações autênticas do desempenho das empresas, além

de introduzir auditores independentes para certificar a veracidade das contas financeiras.

Uma das abordagens mais promissoras para mensurar impacto, desenvolvida pelo Global Steering Group for Impact Investment (GSG) e pelo Impact Management Project (IMP), consiste na análise das contas financeiras convencionais para o impacto.

Isso inclui a aplicação de coeficientes de impacto às vendas, aos custos salariais e custos de bens vendidos para chegar a uma linha de lucro medida pelo impacto, na qual se aplica um coeficiente de governança. Posteriormente, faz-se o mesmo com os ativos.

A meta é que tais coeficientes sejam estabelecidos por um Conselho de Contabilidade do Impacto em concordância com possíveis

Princípios de Impacto Geralmente Aceitos (do inglês, Generally Accepted Impact Principles - GAIP), da mesma forma que os Princípios Contábeis Geralmente Aceitos (do inglês, Generally Accepted Accounting Principles - GAAP) são definidos.

Os GAIPs possibilitarão aos investidores aplicar métodos já existentes de análise financeira e avaliação às contas medidas por impacto.

É possível vislumbrar, em breve, toda empresa publicando contas medidas por impacto juntamente com suas contas financeiras. O impacto líquido será quantificado e vinculado ao alcance de objetivos sociais, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), da ONU, por exemplo. O impacto, então, tomará seu devido lugar, ao lado do lucro, nas tomadas de decisões.

Muitos consideram que a medição do impacto é impossível ou, na melhor das hipóteses, difícil e cara. Porém, a ausência de mensuração traz um alto custo para o mundo. Toda organização causa impacto, seja ela pública ou privada. Está na hora de mensurar o impacto de maneira eficaz, valorizar o impacto de maneira explícita e exigir mais e melhor dos tomadores de decisões ao redor do mundo.

- ▶ **Como líderes e funcionários de grandes empresas, vamos estabelecer objetivos mensuráveis de impacto juntamente com objetivos financeiros e prestar contas do desempenho no alcance dos mesmos.**
- ▶ **Como cidadãos, vamos pressionar nossos governos a encorajar investidores e empresas a tomar decisões baseadas no modelo risco-retorno-impacto e adotar padrões comuns para contabilizar e apresentar impacto.**

## **DEVEMOS NOS UNIR PARA ADOTAR MODELOS DE IMPACTO DE PAGAMENTO POR RESULTADO.**

Uma das ferramentas transformadoras da Revolução do Impacto é o Contrato de Impacto Social conhecido em inglês como SIB, Social Impact Bond, homonimamente chamado na França, frequentemente chamado de *pay-for-success* nos EUA e de contrato de benefícios na Austrália.

A chegada do primeiro SIB em 2010 – Peterborough SIB, no Reino Unido, lançado pelo Social Finance – demonstrou, pela primeira vez, que era possível estabelecermos uma ligação direta entre rendimentos e alcance do impacto.

Por meio desse contrato, conseguimos enfrentar de forma mais eficaz as altas taxas de reincidência entre jovens recém-saídos da prisão no Reino Unido, algo custoso tanto para a sociedade quanto para o governo. No Reino Unido, assim como no mundo, 60% dos jovens recém-libertados voltam para o cárcere em menos de 18 meses.

Os investidores colocaram 5 milhões de libras para financiar uma intervenção que apoiasse ex-presidiários. Eles receberiam de volta seu capital inicial, mais um rendimento conforme a redução no número de reincidências.

Em menos de cinco anos, reduzimos o número de condenações em 9,7%, pagando 3,1% ao ano para os investidores – e ganhamos ainda um novíssimo jeito de pensar e falar.

Como disse Gordon Brown, ex-primei-

ro-ministro do Reino Unido, "o experimento de Peterborough se tornou a luz orientadora para centenas de milhões de dólares em investimentos em reformas sociais".

O Contrato de Impacto Social não é um 'contrato' no sentido tradicional da palavra. É um contrato financeiro que alinha interesses dos setores governamentais, filantrópicos e privados com os interesses das organizações sem fins lucrativos e de lucro com propósito. Ele foi projetado para resolver ou prevenir o aumento de um problema social (como reincidência criminal, abandono escolar, desemprego juvenil ou diabetes).

O SIB é fundamentado em dois princípios essenciais do investimento de impacto: a definição dos objetivos de impacto e a mensuração do impacto de fato alcançado. Ele conecta ambos, atraindo investimento de capital por



meio da abordagem *pay-for-success*. Quanto mais impacto for apresentado, maior será o retorno financeiro para os investidores.

Isso representa um ponto de inflexão para a integração do impacto na prática de investimento. O modelo SIB e suas variantes – Contratos de Desenvolvimento Social (do inglês, Development Impact Bonds - DIBs) para países de baixa e média renda e Contratos de Impacto Ambiental (do inglês, Environmental Impact Bonds - EIBs) – representam uma forma clara de ligar impacto aos rendimentos do investidor.

Os investidores começam disponibilizando capital para uma intervenção social – redução nas taxas de reincidência, por exemplo – e recebem seu capital de volta mais rendimento, se e quando os resultados acordados contratualmente (medidos por um avaliador inde-

pendente) forem alcançados.

Um fundo SIB ou uma intermediária financeira trabalha com o pagador dos resultados, a entidade preparada para pagar o que é esperado. Geralmente, essas entidades são um governo, fundação ou corporação que trabalham individualmente ou juntas através de um Fundo de Resultados. Eles concordam sobre os objetivos do programa, cronogramas e pagamentos para diferentes níveis de resultados esperados.

Esse novo modelo permite um financiamento inicial mais significativo ao provedor do serviço social do que os tipicamente oferecidos por doações, além de uma maior flexibilidade em seu uso. O provedor do serviço também ganha flexibilidade para fazer a intervenção da maneira que julgar mais adequada, inovando para atingir os melhores resultados, em vez de

seguir um programa prescrito de atividades, como é típico dos subsídios de desenvolvimento ou filantrópicos tradicionais.

Desde 2010, muitas organizações do setor social começaram a integrar objetivos e mensurações de impacto em suas formas de pensar. Por meio dos Contratos de Impacto Social (SIBs) e de Desenvolvimento (DIBs), estão aumentando suas atividades para além do que conseguiriam alcançar apenas através de financiamentos subsidiados, além de aprenderem a operar dentro de um modelo baseado em resultados.

Embora novo, o universo de SIBs e DIBs cresce com rapidez. Há no momento mais de 170 SIBs e DIBs em 30 países, enfrentando dezenas de questões sociais diferentes. E muitos mais estão em fase de preparação.

Dentre os SIBs existentes estão o Educate Girls, no Rajastão; o SIB para saúde materna e infantil, de 30 milhões de dólares, na Carolina do Norte; o Tomorrow's People, que atende jovens desempregados no Reino Unido; o Pathways, que ajuda a integrar a população imigrante de Massachusetts ao mercado de trabalho, o Red Cross Humanitarian, que reabilita pessoas vítimas de conflitos na África; e o SIB de Prevenção ao Diabetes, em Israel.

Esses contratos estão se provando especialmente valiosos na prevenção do aumento de determinadas ameaças sociais. A prevenção proativa é muito menos custosa que esforços reativos para remediar problemas sociais e ambientais. Isso cria a oportunidade de recompensar os investidores pagando uma parte antecipada dos valores de poupança criados pelos governos.

Os SIBs transformam desafios sociais e ambientais em oportunidades de investimento e oferecem uma categoria completamente nova e atraente, uma vez que seus rendimentos não oscilam com o mercado de ações.

Os governos têm sido os pagadores para a maioria dos Contratos de Impacto Social existentes. Entretanto, os orçamentos governamentais são restritos e mudam devagar. Nessa fase, não podemos depender apenas do governo para impulsionar a escala de financiamento de resultados.

Ao contrário, organizações filantrópicas, agências de desenvolvimento e corporações estão se prontificando a instaurar Fundos de Resultados administrados por profissionais.

Os Fundos de Resultados pagam aos investidores em SIBs e DIBs por resultados alcança-

dos, com um rendimento que aumenta de acordo com níveis de êxito verificados e pré-acordados.

Espera-se que os Fundos Profissionais de Resultado possam padronizar termos métricos e contratuais e reduzir significativamente o tempo e os custos para lançar um SIB.

Uma vez instaurados, os Fundos de Resultados atraem os fundos SIB que vierem negociar ao seu lado. Eles proporcionam o investimento inicial necessário para que as organizações de serviços alcancem os resultados esperados.

Fundos de Resultados e SIBs são uma combinação poderosa. Em países desenvolvidos, assim como nos emergentes, eles podem direcionar investimentos aos atores não governamentais capazes de melhorar os serviços públicos em áreas como educação, saúde e

serviços sociais. Eles são um forte complemento às políticas públicas que procuram trazer melhorias sistêmicas.

O sucesso dos Fundos de Resultados encorajará os governos a adotarem abordagens baseadas em resultados, transferindo parte da demanda governamental por aquisição de insumos para o pagamento pelos resultados desejados.

Os SIBs e Fundos de Resultados também auxiliam os governos a implementar abordagens baseadas em evidências na criação de políticas. Os governos podem adotar o que funciona e aprender com o que não funciona. De forma geral, por meio de aquisições *pay-for-success*, os governos pagam apenas pelo que dá certo.

Quando o mercado de investimento de impacto alcançar seu primeiro estágio de maturidade –

digamos mais ou menos em 2030, quando poderá chegar a 30 trilhões de dólares – os SIBs e DIBs provavelmente representarão por volta de 10% do mercado total. Sua eficácia e versatilidade no trato aos desafios sociais fazem deles um sólido alicerce do novo sistema de impacto.

► **Como filantropos, grandes empresas, agências oficiais de auxílio ao desenvolvimento, governos, Banco Mundial e outros bancos de desenvolvimento, precisamos estabelecer grandes Fundos de Resultados geridos profissionalmente para pagar pelo impacto alcançado pelos SIBs e DIBs.**

► **Através dos Contratos de Impacto Social, precisamos nos concentrar na prevenção de problemas sociais como analfabetismo, desnutrição, reincidência criminal, falta de habitação, desemprego juvenil e diabetes, assim como nos desafios ambientais – desmatamento, poluição por plásticos e desperdício de água.**

## **DEVEMOS MUDAR PARA MEDIR OS RESULTADOS, NÃO AS ATIVIDADES.**

Tradicionalmente, temos focado nos insumos (tempo e dinheiro gastos) e atividades (países alcançados, pessoas atendidas). Agora é hora de voltarmos nossa atenção para os resultados – efeitos tangíveis que trazem benefícios à sociedade como um todo. O acompanhamento de resultados é um elemento essencial na mudança para o paradigma do impacto.

Se os provedores de serviços acompanharem rigorosamente os resultados provenientes de suas intervenções, será muito mais fácil para eles atrair investimentos financeiros de longo prazo.

O foco no alcance de resultados pré-deter-

minados também motiva os provedores de serviços a colaborarem mutuamente a fim de encontrar a maneira mais eficaz de conseguí-los.

Isso vai transformar a maneira como operam os governos e a filantropia.

### **Governo**

A transparência, prestação de contas e mensuração de impacto trazidas pelas abordagens baseadas em resultados e investimentos de impacto são bastante benéficas para o governo. Elas permitem ao mesmo alocar recursos de maneira mais eficaz, inovar na geração de bens públicos e abrir novas fontes de capital para financiar serviços essenciais, ao mesmo tempo em que mantêm uma fiscalização contínua.

Alguns governos estão liderando o caminho no apoio às abordagens baseadas em resultado e investimentos de impacto.

O Reino Unido tem desenvolvido o ambiente mais propício ao desenvolvimento de impacto. Por exemplo, o governo britânico liberou 400 milhões de libras de contas inativas de bancos para criar a Big Society Capital, o primeiro banco de investimento social do mundo; promulgou incentivos fiscais para investimentos em SIBs; além de incluir mudanças favoráveis em sua legislação e regulamentação.

A França introduziu fundos 90/10 em seu sistema de previdência. Os EUA implementaram mudanças na regulação para fundações e guardiões de fundos de pensão, as quais facilitariam o engajamento em investimentos de impacto. O Japão decidiu liberar 900 milhões de dólares por ano, ao longo de cinco anos,

de contas bancárias inativas para o enfrentamento de questões sociais. A Coreia do Sul decidiu montar um provedor de capital de impacto de 300 milhões de dólares. Muitos outros governos ao redor do mundo estão considerando medidas parecidas.

Uma grande alavanca no incentivo aos investimentos de impacto por governos é sua própria abordagem de contratações. Uma mudança na mentalidade de contratação dos governos – do foco atual em prescrição de serviços detalhada para uma abordagem baseada em resultados – envolve uma grande mudança, mas ao menos já começamos.

O financiamento de resultados já é oferecido, em pequena escala, pelos governos do Reino Unido, Estados Unidos, Itália e Malásia.

Os financiamentos crescerão conforme os

governos compreenderem que abordagens baseadas em resultados nos colocam no caminho das economias de impacto, nas quais as decisões de negócios e de investimentos são tomadas com base no impacto, assim como no risco e no rendimento.

Os governos são cruciais na construção de nossos novos mercados de investimento de impacto. Precisamos da ajuda deles para criar a infraestrutura para o mercado de impacto, incentivando a oferta e impulsionando a demanda por capital de impacto.

### **Filantropia**

O modelo dominante de filantropia praticado hoje tem mais de um século de existência. Como já observou o presidente da Ford Foundation, Darren Walker, esse é um campo que necessita de profundas transformações.

Apesar da considerável mobilização de recursos financeiros na filantropia, as organizações que oferecem serviços de caridade invariavelmente carecem de dinheiro e poucas conseguem crescer minimamente. Um estudo revelou que 50 mil empresas nos Estados Unidos conseguiram ultrapassar os 50 milhões de dólares em receita ao longo de 25 anos, enquanto apenas 144 organizações sem fins lucrativos tiveram o mesmo êxito.

Conforme as fundações crescem e formalizam suas doações, alguns hábitos se tornam profundamente enraizados. Dentre esses estão: conceder subsídios para serviços de caridade por apenas dois ou três anos e então seguir ajudando outras organizações, exigir que os subsidiados gastem o mínimo possível com despesas organizacionais e exigir apenas relatórios superficiais sobre os resultados alcançados pelas organizações que financiam.

Está surgindo um novo modelo de filantropia. Nele, as fundações empenham-se para conseguir subsídios de longo prazo e medir os resultados alcançados pelas organizações que financiam, em vez de simplesmente rastrear suas atividades.

Nesse novo modelo, as fundações também direcionam uma parte de seus subsídios para Fundos de Resultados.

Acima de tudo, elas utilizam seus fundos patrimoniais para fazer investimentos de impacto adequados.

De forma geral, os guardiões das fundações de caridade apegam-se à noção de que a melhor maneira de ajudar os desfavorecidos é focar seu fundo patrimonial em gerar retorno financeiro, sem levar em conta o impacto, de forma que o máximo possível possa ser



entregue em doações.

Isso leva os fundos patrimoniais das fundações a investirem em empresas que poluem o meio-ambiente e perpetuam os mesmos problemas sociais que se esforçam para remediar com suas ações, algo obviamente contraproducente. Quando as doações de uma fundação são ligadas ao investimento de impacto, elas podem contribuir com o alcance dessa missão.

As fundações filantrópicas são criadas exclusivamente para se concentrarem em áreas socialmente críticas. Em tais áreas, as taxas de rendimento de mercado não podem ser alcançadas com facilidade; as mesmas exigem uma mudança no nível do sistema, no qual apenas baixos rendimentos são alcançados em um futuro distante.

Ao unir doações com investimento pro-

veniente de seus fundos patrimoniais, as fundações conseguem atrair fundos de *mainstream* para trazer melhorias aos mais desfavorecidos.

Neste contexto, as fundações são parceiras naturais de agências de apoio ao desenvolvimento e de distribuidores de capital de impacto, como a Big Society Capital e seus novos equivalentes em Portugal, Japão e Coreia do Sul.

Em razão de seu status de caridade, grande senso de missão e expertise, as fundações possuem um papel muito importante na liderança da revolução. Elas são capazes de liderar a mudança para a mensuração de resultados dentro do setor social, do governo e além.

- ▶ **Como eleitores, precisamos pressionar nossos governos a abandonar as velhas formas de pensar para então abraçar a Revolução do Impacto, mensurando resultados em vez dos insumos em seus gastos e contratações, e estabelecendo Fundos de Resultados para enfrentar questões sociais e ambientais em larga escala.**
- ▶ **Como filantropos, precisamos direcionar nossas doações para o investimento de impacto e focar nossos programas de doações em resultados em vez de atividades.**
- ▶ **Como líderes do setor social, precisamos integrar a mensuração de resultados em nossas organizações.**

## **EMPREENDEDORES DE IMPACTO SÃO PODEROSOS ALIADOS E DEVEMOS APOIAR SEUS ESFORÇOS GLOBALMENTE.**

A figura do empreendedor é bastante familiar para todos nós: o trabalhador incansável de vinte e poucos anos, de cuja mente inovadora surgiram o PC, o telefone celular e a internet. Aquele indivíduo tenaz, cuja missão de vida é inovar, ultrapassar os limites e romper o *status quo*.

Conforme a mentalidade do impacto progride, uma nova leva de empreendedores emerge: o empreendedor de impacto, cuja ambição é melhorar vidas e o planeta.

Os empreendedores de impacto estão

mostrando como impacto e retornos financeiros podem ser alcançados ao mesmo tempo. Eles estão criando um grande número de iniciativas ao redor do mundo, sem fins lucrativos e de lucro com propósito, que unem resultados ambientais, sociais e financeiros.

Assim como os empreendedores da tecnologia e do capital de risco se uniram, empreendedores de impacto precisam se conectar ao capital para atingir resultados em escala.

Concebemos o capital de risco como uma poderosa forma de financiar a tecnologia e outros empreendedores que desejam ganhar dinheiro. Agora, embarcamos na missão de fazer o mesmo para empreendedores ambiciosos que se dedicam a um bem maior.

O melhor caminho para fazê-lo é através do investimento de impacto.

### **Primeiramente, consideremos os empreendedores do setor social.**

Tradicionalmente conhecido como setor sem fins lucrativos, o setor social é enorme tanto nos países desenvolvidos como nos emergentes.

Por exemplo, nos Estados Unidos, mais de 12 milhões de pessoas trabalham para mais de 1,7 milhões de serviços de caridade, enquanto as fundações de caridade americanas detêm quase 900 milhões de dólares em ativos.

Na Europa, mais de 28 milhões de pessoas trabalham para organizações sem fins lucrativos. Apenas no Reino Unido, as fundações detêm mais de 80 bilhões de dólares em ativos.

Existem 3,3 milhões de organizações de caridade na Índia.

Até pouco tempo atrás, empreendedores de organizações sem fins lucrativos dependiam quase que exclusivamente de doações provenientes das fundações.

Entretanto, é difícil depender de doações. O resultado disso é que quase todas as organizações do setor social precisam viver precariamente – o que torna impossível a sua expansão.

Agora, através do investimento de impacto, as fundações estão começando a proporcionar às organizações do setor social o capital de investimento de seus fundos patrimoniais, assim como de seus programas de doações.

O investimento de impacto proveniente de uma crescente gama de investidores proporciona às organizações sem fins lucrativos o poder de criar um balanço patrimonial bem

parecido com o de uma empresa. O balanço de uma organização sem fins lucrativos pode incluir uma camada de cotas júnior de participação acionária (na forma de doações), uma camada de contratos de impacto social e uma camada de dívidas.

Conforme uma organização sem fins lucrativos recebe pelos resultados entregues, ela se torna capaz de acumular capital por meio de suas ações, com a vantagem adicional do excedente gerado não ser tributado. Essa nova habilidade de acessar capital dá poder às organizações sem fins lucrativos para crescer em escala para ajudar um número maior de beneficiários, além de competir com mais eficácia por talentos.

Como consequência, alguns empreendedores do setor social estão começando a pensar com mais ambição, esperando, por exemplo, atin-

gir a escala conquistada pelo Dr. Govindappa Venkataswamy – que transformou o Aravind Eye Care Center System na Índia no maior centro de cuidados oftalmológicos do mundo.

O Aravind desenvolveu um modelo de negócios único. Aproximadamente 70% de seus pacientes pagam taxas significativamente reduzidas para cirurgias oculares, enquanto o restante é operado gratuitamente. Desde sua fundação em 1976, o Aravind já tratou um total de mais de 52 milhões de pessoas.

### **Considere agora empreendedores de lucro com propósito.**

O modelo de lucro com propósito permite aos empreendedores de impacto alcançar lucro e impacto mensurável ao mesmo tempo.

O principal desafio para empreendedores do

lucro com propósito é o da crença, por parte dos investidores, de que eles não conseguem entregar um retorno financeiro atrativo.

Na realidade, ao fornecer produtos e serviços mais baratos para populações menos favorecidas, eles conseguem explorar uma enorme demanda latente. Isso dá às empresas a oportunidade de crescer mais rapidamente e com mais lucratividade do que as que servem mercados convencionais a preços mais altos.

Empreendedores de lucro com propósito obtêm outros benefícios com a criação do impacto positivo. Suas empresas enfrentam riscos financeiros mais baixos porque os consumidores, funcionários e investidores estão se afastando de empresas com impacto negativo. Eles também evitam o risco de potenciais impostos que os governos podem impor no futuro – como os impostos sobre emissões de

carbono, por exemplo.

Existem numerosas empresas de lucro com propósito ao redor do mundo que servem como exemplo da capacidade de gerar crescimento e valor ao mesmo tempo em que geram impacto positivo.

Um exemplo notável é o Grameen Bank, de Muhammad Yunus, que concede pequenos empréstimos a mulheres pobres sem exigir nenhuma garantia. Desde sua fundação em 1983, em Bangladesh, o Grameen já ajudou mais de 9 milhões de mutuários.

Este feito inspirou a criação de um setor de microcrédito de 125 bilhões de dólares que abrange mais de quarenta países ao redor do mundo.

A empresa Blink Health, baseada nos EUA, é

outro exemplo. Ela consegue oferecer descontos em medicamentos controlados através de buscas online por preços mais baixos, usando o poder de compra em grandes quantidades para obter os melhores preços para sua rede de 25 milhões de clientes.

A OrCam, de Israel, inventou um par de óculos para pessoas cegas e com deficiência visual usando tecnologia pioneira no campo da visão artificial. Os óculos sussurram no ouvido do usuário o nome na placa da rua, o produto na prateleira do supermercado ou o valor da cédula de dinheiro em suas mãos.

A D-Light fornece eletricidade às populações remotas da África através de mecanismos portáteis de energia solar. Desde 2007, já vendeu mais de 12 milhões de produtos em 62 países, melhorando a vida de mais de 70 milhões de pessoas.

O empreendedor de lucro com propósito mais icônico hoje é Elon Musk, da Tesla. Sejam quais forem os desafios que se desenhem à frente da empresa, é inegável que Musk tenha transformado sozinho a indústria automobilística mundial, afastando-a das emissões de poluentes para direcioná-la aos veículos elétricos e agregar alto valor financeiro durante o processo.

O interesse nas empresas de lucro com propósito se reflete no crescimento das Empresas de Benefícios nos Estados Unidos, Europa e América Latina. A forma legal, juntamente com a certificação pela “B-Lab”, são importantes porque permitem aos investidores distinguir facilmente empresas movidas pelo impacto de outras.

Nos Estados Unidos, 36 estados já apresentaram uma legislação para as Empresas

de Benefícios e mais cinco estão no processo de fazê-lo.

Os empreendedores de impacto criarão “Apples” e “Microsofts” do mundo do impacto com uma grande diferença. Assim como os jovens e criativos empreendedores da tecnologia romperam com os modelos tradicionais de negócios através da revolução tecnológica, eles o fazem novamente agora através da revolução do impacto – desta vez, no entanto, com o propósito de melhorar vidas e o planeta.

Hoje em dia, o termo “unicórnio” se refere a uma *startup* no valor de 1 bilhão de dólares ou mais. Um “unicórnio do impacto”, por outro lado, aspira ser uma empresa que vale 1 bilhão de dólares e que ainda pode melhorar a vida de 1 bilhão de pessoas.

► **Como empreendedores, precisamos desenvolver negócios inovadores que causem impacto positivo e mensurá-lo. Precisamos gerir negócios de uma maneira consistente com nossos valores.**

► **Como filantropos, vamos alocar ao menos 10% de nosso dinheiro de doação em fundos de pagamento por resultados e ao menos 10% de nossos fundos patrimoniais em investimento de impacto.**

**DEVEMOS AGIR AGORA. NUNCA HOUVE MAIOR NECESSIDADE OU MELHOR MOMENTO.**

Devemos agir agora. Nunca houve maior necessidade ou melhor momento. Nosso mundo está em perigo. A incerteza e o desassossego nos deixaram paralisados e inertes. Mesmo assim, ainda existe uma solução poderosa ao nosso alcance: o impacto.

Consumidores, pensionistas, filantropos, investidores, empreendedores, organizações do setor social, governos e grandes líderes corporativos – todos nós temos um papel crucial na revolução do impacto. E cada um de nós pode entrar em ação para acelerar o seu progresso.



Imagine poder ficar bilionário resolvendo um problema como falta de moradia ou eliminando o plástico de nossos oceanos para utilizá-lo na construção de casas populares.

Imagine milhões de jovens empreendedores trabalhando para reduzir a mortalidade infantil e materna, o analfabetismo e a desnutrição, e para melhorar o acesso à água e à energia elétrica, ao mesmo tempo em que constroem unicórnios.

Imagine poder investir 1 milhão de dólares na melhoria da educação de crianças desfavorecidas e ajudar o país a economizar 10 milhões de dólares no futuro.

Imagine que seus investimentos em fundos de pensão pudessem melhorar a saúde de sua comunidade e a sua pensão aumentasse por causa disso.

Imagine cada instituição de caridade levantando milhões em investimentos para inovar na melhoria de vidas – reabilitando usuários de drogas, prevenindo a gravidez na adolescência e auxiliando os idosos a manterem sua independência em casa.

Imagine investidores adquirindo ações de grandes empresas porque elas oferecem produtos acessíveis e que melhoram a nutrição de consumidores menos favorecidos.

Imagine os governos gastando dinheiro apenas com programas que funcionam.

Ao contrário da revolução tecnológica, os líderes da revolução do impacto estarão espalhados por todo o planeta. Eles aparecerão sempre que empreendedores, grandes empresas e investidores estiverem motivados tanto a fazer o bem quanto a terem sucesso,

onde quer que questões ambientais e sociais persistam e onde quer que os governos adotem o impacto.

**Para acelerar o avanço da Revolução do Impacto, precisamos agir agora em sete frentes:**

- ▶ Como **consumidores**, vamos adquirir produtos e serviços que ajudem a melhorar a vida das pessoas e a proteger o planeta.
- ▶ Como **pensionistas, segurados e donos de carteiras de investimentos**, vamos pressionar nossos **gerentes de investimentos** a fazer alocações em investimentos responsáveis e sustentáveis de no mínimo 50% da carteira e alocações em investimento de impacto de no mínimo 10%.

▶ Como **empreendedores**, em particular os jovens, vamos desenvolver negócios inovadores que ofereçam e mensurem impacto positivo. Vamos gerenciar nossos negócios de forma consoante com nossos valores.

▶ Como **gerentes e funcionários** de grandes e pequenas **empresas**, vamos impulsionar objetivos de impacto e anunciar sua realização.

▶ Como **cidadãos**, vamos pressionar nossos **governos** a incentivar investidores e empresas a tomarem decisões baseadas em risco-retorno-impacto, a adotar normas comuns de prestação de contas de impacto e a direcionar ativos não reclamados em bancos, empresas de seguros e fundos de investimentos para provedores de capital de impacto.

- ▶ Como **filantropos, grandes empresas, agências oficiais de fomento ao desenvolvimento, governos, Banco Mundial** e outros **bancos de desenvolvimento**, vamos iniciar grandes Fundos de Resultados gerenciados por profissionais para pagar pelo impacto alcançado pelos SIBs e DIBs.
- ▶ Finalmente, vamos espalhar a notícia do Impacto, contribuindo com nosso guia no **onimpactnow.org** e compartilhando nossas ações e visões com a **#ImpactRevolution**.

### **Impacto é uma ideia cujo momento chegou**

A revolução do impacto é o motor de uma mudança histórica e está destinada ao sucesso. Economias de impacto, nas quais as decisões são baseadas em risco-retorno-impacto, estão ao nosso alcance.

Dar um fim ao sofrimento de bilhões de vidas e ao declínio do nosso planeta depende de nossa ação imediata. Onde há vontade, há um caminho. E nunca houve maior necessidade nem melhor momento do que agora.

**O que você vai fazer hoje?**

**#ImpactRevolution**

## **SOBRE O AUTOR**

Sir Ronald Cohen é um filantropo investidor de risco e de capital privado, e inovador social pioneiro que está à frente do movimento global da revolução do impacto.

Por quase vinte anos, suas iniciativas têm catalisado esforços globais em direcionar capital privado para o bem social e ambiental.

É presidente do Global Steering Group "for Impact Investment" e do Portland Trust. É cofundador do Social Finance, do Reino Unido, EUA e Israel, além de cofundador e presidente do Bridges Fund Management e do Big Society Capital.

Presidiu o G8 Social Impact Investment Taskforce (2013-2015), Social Investment Taskforce no Reino Unido (2000-2010) e a Comissão on Unclaimed Assets do Reino Unido (2005-2007).

Em 2012, recebeu o prêmio Rockefeller Foundation's Innovation Award for Social Finance.

Foi cofundador e diretor executivo do Apax Partners Worldwide LLP (1972-2005), uma empresa global de capital privado. Foi cofundador e diretor da British Venture Capital Association e cofundador da European Venture Capital Association.

É membro do Conselho da Reitoria na Harvard Business School. Foi diretor da Harvard Management Company, membro do Conselho de Supervisores da Harvard University e do Comitê de Investimento da Oxford University.

É formado pela Oxford University, na qual foi presidente da Oxford Union. Possui um MBA pela Harvard Business School, pelo qual recebeu o prêmio Henry Fellowship.

Sir Ronald nasceu no Egito, de onde saiu aos 11 anos como refugiado para o Reino Unido.